



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MATEUS DA SILVA ALVES

O Ensino de Filosofia a partir de Wittgenstein e os céticos

RECIFE
2023

MATEUS DA SILVA ALVES

O Ensino de Filosofia a partir de Wittgenstein e os céticos

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) do Curso de Licenciatura em Filosofia, do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a aprovação na disciplina.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio da Silva Filho

RECIFE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Alves, Mateus da Silva.

O Ensino de Filosofia a partir de Wittgenstein e os céticos / Mateus da
Silva Alves. - Recife, 2023.

32

Orientador(a): Marcos Antonio da Silva Filho

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia -
Licenciatura, 2023.

1. Wittgenstein. 2. Sobre a Certeza. 3. Ensino de Filosofia. 4. Pirronismo. 5.
Neopirronismo. I. Silva Filho, Marcos Antonio da . (Orientação). II. Título.

100 CDD (22.ed.)

MATEUS DA SILVA ALVES

O Ensino de Filosofia a partir de Wittgenstein e os céticos

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II (TCC II) do Curso de Licenciatura em Filosofia, do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a aprovação na disciplina.

Aprovada em: 28/09/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Fabianne Saucedo Correa
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Examinador interno

Prof. Dr. Marcos Silva
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Orientador

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão é extensa. Não tenho como encurtar ou omitir parte daquilo e daqueles que me ajudaram a constituir o que sou. Sem essas pessoas nada disso seria possível. Citarei nominalmente várias pessoas e correrei o risco de a memória pregar peças.

De antemão, sou muito grato a meus familiares. Em especial ao meu avô, o pilar da nossa família. José Manoel da Silva não teve muitas oportunidades, mas soube conduzir bem a própria vida e a vida de seus filhos e netos com as oportunidades que teve. Um homem que abdicou de vários sonhos próprios para tornar possível nossos sonhos. Do mesmo modo, minha mãe Divanise Maria e minha tia Deise Maria.

Um agradecimento de vida à minha companheira Lívia Maria. Uma mulher incrível que tem partilhado a vida comigo. Obrigado por todo amor, carinho, paciência, companheirismo, cumplicidade e esforço.

Agradeço por estar sempre rodeado de bons e afetuosos amigos. Assim, agradeço a Aleff Alves, Danillo Alves, Larissa Ferreira e Marcos Amorim, que foram importantes para que eu começasse essa caminhada. Do mesmo modo agradeço a Julianny Barbosa, Eduarda Gomes, Sales Pás, Maria Clara Fagundes, Lilian Mendes, Janaína Fernandes, Heloisa Carvalho e Paula Eduarda Nunes.

Agradeço muito pelas amizades e rede de apoio que construí na universidade. Pessoas que me ajudaram e foram companheiros de conversas, ideias e projetos. Nominalmente, agradeço a Marianne França, Fred Andrade, Leovan Moraes, Beatriz Dias e Guilbert Araújo, Marcello Alves, Paloma Xavier, Mayk Silva e Jéssica Vitória.

Agradeço profundamente ao Professor Marcos Silva, meu orientador, mas que representa para mim muito mais do que um orientador. Uma pessoa sensível com que tive o prazer de aprender muito sobre Filosofia e sobre a vida. Serei eternamente grato por todas as oportunidades e ensinamentos.

Agradeço à banca examinadora e ao professor responsável pela disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Por fim, agradeço a UFPE e as agências de fomento pelas oportunidades e auxílios que recebi por meio da PROAES, PROPESQI e CNPq.

DEDICATÓRIA

Dedico a conclusão desta etapa à memória das minhas avós Maria Lúcia da Silva e Antônia Andrade Alves.

Também dedico à memória de Wanderson Bruno e Alan Elton.

Por fim, mas não menos importante, ao meu querido e amado avô José Manoel da Silva e minha tia Deise Maria da Silva que foram e são cruciais para que minha trajetória seja possível.

RESUMO

Ensinar filosofia envolve riscos. Realizar uma experiência filosófica com estudantes do Ensino Médio significa ter um momento singular de contato entre jovens e a filosofia. Formalmente, tal atividade precisa fornecer habilidades e capacidades, mas evitando posturas conteudistas ou centrada somente nas habilidades e competências. A proposta do presente trabalho envolve inserir Wittgenstein e os céticos pirrônicos e neopirrônicos para efetivar uma experiência de sucesso com a filosofia no Ensino Médio. O texto se debruça sobre as aproximações e distanciamentos entre Wittgenstein e os céticos, passando por obras e debates bem estabelecidos para defender uma aliança. Tal aliança é possível a partir de conceitos centrais. A saber, as certezas fulcrais, de Wittgenstein e o phainómenon, dos céticos. Com a devida caracterização dos conceitos e os aproximando, são tiradas as consequências de ambos para o ensino de filosofia. Defende-se aqui que com Wittgenstein e os céticos é possível uma experiência filosófica que impõe limites, mas que não deixa de fazê-la. Tal ensino, necessariamente, envolve o cotidiano, integra a vida comum e parte do senso comum.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; pirronismo; neopirronismo; *Sobre a Certeza*; Wittgenstein.

ABSTRACT

Teaching philosophy involves risks. Carrying out a philosophical experience with high school students means having a unique moment of contact between young people and philosophy. Formally, such an activity needs to provide skills and capacities, but avoiding content-based positions or focusing only on skills and competencies. The purpose of this paper is to include Wittgenstein and the Pyrrhonic and Neo-Pyrrhonic skeptics in order to create a successful experience with philosophy in high school. The text looks at the approximations and distances between Wittgenstein and the skeptics, going through well-established works and debates to defend an alliance. This alliance is possible on the basis of central concepts. These are Wittgenstein's central certainties and the skeptics' phenomenon. With the proper characterization of the concepts and bringing them closer together, the consequences of both for the teaching of philosophy are drawn. It is argued here that with Wittgenstein and the skeptics, it is possible to have a philosophical experience that imposes limits, but that does not cease to do so. Such teaching necessarily involves everyday life, integrates common life and starts from common sense.

Keywords: Philosophy Teaching; Pyrrhonism; Neo-Pyrrhonism; *On Certainty*; Wittgenstein.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	WITTGENSTEIN E O CETICISMO	12
2.1	Aproximações gerais	12
2.2	Embate Smith e Margutti: Sobre a natureza da Filosofia de Wittgenstein	16
2.3	Ampliando o debate: o <i>Sobre a Certeza</i> , de Wittgenstein e <i>Sobre o que aparece</i> , de Porchat	18
2.3.1	Sobre o que aparece	18
2.3.2	Sobre a Certeza	21
2.4	Aliança entre Wittgenstein e o neopirronismo	24
3	CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA	28
	REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Ensinar é um exercício cheio de riscos e entraves. Ensinar filosofia, em específico, revela-se como um exercício ainda mais difícil diante de várias pretensões filosóficas.

Segundo Gallo (2006), comumente nos deparamos com processos educativos que se deparam com posturas conteudistas ou centradas e fixadas em competências e habilidades. Ambas geram problemas. Gallo nos apresenta o risco das duas posições. Sendo o risco da postura "conteudista" a perda da experiência filosófica e o risco da postura "competente" o abandono dos conteúdos específicos pela submissão a uma suposta utilidade (Gallo, 2006).

A proposta de Silvio Gallo, enquanto um caminho viável para o ensino de Filosofia, envolve compreender a filosofia, e seu ensino, enquanto "um exercício de apelo à diversidade, ao perspectivismo" (Gallo, 2006). Mas nem todo exercício filosófico permite que esse apelo se realize.

É possível que ensinando filosofia os docentes se encontrem em situações onde estudantes perguntem: "professor, qual o sentido de duvidar disso? Onde chegaremos duvidando disso?". O exercício das meditações cartesianas em sala de aula pode render tais situações. Sendo a conclusão da dúvida hiperbólica de Descartes sem sentido para alguns estudantes. Consequentemente, fazendo com que a própria disciplina tenha pouco interesse.

É comum, portanto, que a atividade filosófica precise se justificar no Ensino Médio. Para Gallo (2006), sua justificativa pode ser extraída da caracterização do nível de ensino. O Ensino Médio é compreendido como uma etapa terminal da educação básica. Nesta se pretende fornecer uma formação ampla para o educando. Inspirado em Deleuze e Guattari, Gallo (2006) defende que junto à ciência e às artes, a Filosofia fornece uma experiência singular de pensamento. A etapa final da educação básica seria o momento ideal para um encontro do estudante com a Filosofia, sob o risco desse encontro não ocorrer em nenhum outro momento (Gallo, 2006)

Esse encontro com a Filosofia fornece um horizonte de formação de habilidades e capacidades. O Currículo de Pernambuco para o Ensino Médio (2020) ainda inclui o ensino da disciplina de Filosofia no Ensino Médio. Ele preconiza algumas dessas habilidades e capacidades no seu 1º ano:

(1) Compreensão da Condição Humana (que se refere ao sentimento de existir do homem no mundo; a origem de possibilidade de toda pergunta, particularmente a pergunta pelo Ser, pelo seu modo de Ser ou a sua situação, marcada pela finitude); (2) Problematização da Racionalidade Teórica (que se refere ao problema do conhecimento, suas formas e possibilidades, sobre as incertezas e limites da racionalidade humana); (3) Articulação da Racionalidade Prática, Comunicativa e Emancipatória (que se refere ao aprendizado e saberes éticos e políticos que remetem à sobrevivência do homem, condição de existência da pessoa e da vida cidadã). (Pernambuco, 2020)

Mas como fornecer uma experiência que prepara para essas habilidades e capacidades sem cair nos riscos apontados por Gallo? O debate de aproximação entre as atividades filosóficas do segundo Wittgenstein e os céticos pirrônicos e neopirrônicos pode ajudar.

Wittgenstein em seus últimos escritos, publicados postumamente em 1969, intitulado *Sobre a Certeza* inclui alguns dos aspectos relacionados à racionalidade, racionalidade prática e questões epistemológicas que o currículo aponta. Do mesmo modo, os céticos são peças-chaves em discussões que dizem respeito ao conhecimento, suas formas, possibilidades e impossibilidades. Em especial, os céticos clássicos, pirrônicos, e os contemporâneos, neopirrônicos.

A pergunta do *Sobre a Certeza* "faz sentido duvidar disso?", com tudo sendo a favor e nada contra (Wittgenstein, 1990, §2-4) ou a pergunta do *Sobre o que aparece* "faz sentido duvidar daquilo que te aparece"? (Porchat, 1991) situam a atividade filosófica em um ambiente estimulante para o ensino de Filosofia. Estabelece-se a partir daqui a possibilidade de um exercício e uma experiência com a filosofia que é próxima do cotidiano, da vida comum, do senso comum.

Elementos centrais da obra de Wittgenstein, a Certeza fulcral, e dos céticos pirrônicos e neopirrônicos, o phainómenon, se apresentam como importantes no contexto do ensino de Filosofia. Portanto, o presente trabalho estabelece relações de aproximação entre Wittgenstein e os céticos pirrônicos e neopirrônicos para, posteriormente, extrair consequências ao pensá-los no contexto de Ensino de Filosofia.

Em um primeiro momento pretendo apresentar as aproximações gerais de Wittgenstein com o ceticismo. Assim, discuto suas aproximações com os céticos, passando rapidamente pelo *Tractatus* (1921) e *Investigações Filosóficas* (1953), mostrar algumas disputas acerca das aproximações, a saber o embate entre Smith

(1993) e Margutti (1996), e, posteriormente reorientar o debate. Com a reorientação do debate serão inseridas e centralizadas as obras *Sobre a Certeza* (Wittgenstein, 1969), e *Sobre o que aparece* (Porchat, 1991). Desse modo, apontarei suas proximidades e defenderei uma aliança entre ambos.

Por fim, no último capítulo, extrairei as consequências das atividades filosóficas de Wittgenstein e dos céticos pirrônicos e neopirrônicos para o ensino de Filosofia. Com isso, indicarei como superar algumas dificuldades que a atividade de ensino impõe.

2 WITTGENSTEIN E O CETICISMO

2.1 Aproximações gerais

Wittgenstein é amplamente conhecido por ter momentos distintos em sua atividade filosófica. Em um primeiro momento, temos a sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus*, publicada em 1921, um marco da filosofia contemporânea, em especial da filosofia analítica. Em um segundo momento, há a publicação das *Investigações Filosóficas*¹, em 1953. Esta obra traz consigo diversas mudanças em relação à primeira obra e é um marco da virada pragmatista. Wittgenstein não escreveu apenas as duas obras supracitadas, mas essas duas foram o foco de maior análise e discussão acerca de temáticas diversas.

Em termos das discussões sobre suas aproximações e distanciamentos com o ceticismo, podemos dizer que o TLP e a IF também foram as obras que mais forneceram base textual para que os trabalhos pudessem ser realizados. No caso do *Tractatus*, há uma passagem explícita em que o austríaco cita o ceticismo e considera-o refutável:

O ceticismo não é irrefutável, mas manifestamente um contrassenso, se pretende duvidar onde não se pode perguntar. Pois só pode existir dúvida onde exista uma pergunta; uma pergunta, só onde exista uma resposta; e esta, só onde algo possa ser dito. (Wittgenstein, 2017, §6.5, p. 279)

Wittgenstein coloca o ceticismo em um local de violação da sintaxe lógica. A atividade cética é um processo indevido, pois pretende levantar uma dúvida que não deve e nem pode ser levantada, pois isto é um contrassenso. Consequentemente, tal passagem apresenta uma recusa do ceticismo.

Apesar da suposta recusa do ceticismo na passagem acima, temos também uma elucidação que acaba por aproximá-lo dos céticos na parte final do livro. A metáfora da escada motiva a aproximação com o ceticismo, uma vez que ela pode ser compreendida como uma saída cética:

Minhas proposições elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contrassensos, após ter escalado através delas – por elas – para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela.) Deve sobrepujar essas

¹ Posteriormente nos referiremos às obras apenas como *Tractatus* e *Investigações* ou pelas siglas das obras, respectivamente, *TLP* e *IF*.

proposições, e então verá o mundo corretamente. (Wittgenstein, 2017, §6.54)

Com a passagem supracitada é possível apontar uma saída cética de Wittgenstein no TLP. Assim, a passagem indica o procedimento de suspensão do juízo. Como a suspensão do juízo é um procedimento tipicamente cético, então há uma proximidade entre ambos. Após realizada a investigação, o resultado final de quem busca a ataraxia, frente às dificuldades postas pela investigação do *Tractatus*, deveria ser a de sobrepujar – como ele mesmo põe – suas proposições (Wittgenstein, 1997).

A aproximação pode parecer forçosa. Entretanto, ela é uma posição defensável, tendo em vista a possibilidade de compreender a parte final do *Tractatus*, aquela não escrita, sobre a qual não se pode falar, como a mais importante². Sendo assim, o TLP pode ser lido como um livro cujo principal alvo são as teses e doutrinas filosóficas³ e não um livro que propõe uma teoria filosófica. Assim, constituindo-se também como uma terapêutica.

O ponto é defensável também, inclusive, ser percebermos que Sexto Empírico caracteriza o procedimento cético de modo semelhante. Sexto Empírico também usa uma metáfora da escada. A passagem é traduzida e citada por Oswaldo Porchat, em *Saber comum e ceticismo*. Porchat aponta a coincidente retomada da metáfora por Wittgenstein:

A esse propósito, Sexto Empírico lança mão da metáfora da escada, que Wittgenstein retomaria quase dois milênios depois: assim como um homem pode, após ter subido a um lugar alto por meio de uma escada, desfazer-se dela, assim também o cético, ao atingir, por via de argumentação, sua “tese”, que contradiz e portanto suprime uma formulação “dogmática”, também suprime, no mesmo movimento, sua própria argumentação. (Porchat, 2007)

Dadas as possibilidades de defesa de aproximação e distanciamento, o debate permanece em aberto, tendo em vista também outras vias de defesa. O que ocorre é que tais posições não se restringem e se encerram no texto publicado em 1921.

Nas *Investigações* também encontramos um amplo debate acerca de

² Para tal defesa há uma carta escrita por Wittgenstein direcionada ao editor que esperava que publicasse o *Tractatus*, onde ele aponta que a preocupação central do livro é a ética (cf. STERN, 2017, p. 78).

³ Segundo Stern (2017), há intérpretes que desafiam a leitura do *Tractatus* como uma obra que propõe uma teoria filosófica, tais como Cora Diamond, Peter Winch, James Conant. Assim sendo, haveria a possibilidade de desde o *Tractatus* propor uma leitura terapêutica.

possíveis aproximações entre a filosofia de Wittgenstein e a atividade filosófica cética. Por exemplo, em *Wittgenstein on rules and private language* (1982), Saul Kripke enxerga Wittgenstein como formulando um paradoxo cético em relação ao que se entende por seguir uma regra. Neste caso, porém, sem muita clareza em relação ao que entende por aquilo que entendia como cético (Marcondes, 2015, p. 16). Apesar de discordâncias serem expostas em relação à posição de Kripke⁴, ainda assim elementos presentes na filosofia do chamado “segundo Wittgenstein” mostram-se como comuns ou semelhantes ao ceticismo pirrônico. David Stern (2017) aponta também, com base em leituras de diversos intérpretes, para uma certa forma de pirronismo nas *Investigações*. O combate ao dogmatismo e à metafísica é uma forma de pirronismo. As aproximações que apontam que a análise da atividade proposta nas *Investigações* resultam na ataraxia, ou algo semelhante a ela, é uma tranquilidade adquirida após dissolver os problemas. A saída da mosca do vidro, no parágrafo 309 das *Investigações*, traz este elemento quando se pergunta “Qual teu objetivo em filosofia? Mostrar à mosca a saída da campânula”. Sendo assim, há também uma aproximação a partir da ideia de uma terapêutica filosófica. Esta busca dissolver problemas resultantes do uso dogmático da linguagem e apontar para uma saída saudável.

Em alguma medida, o cenário exposto acima apresenta o difícil contexto de aproximações da filosofia de Wittgenstein com o ceticismo. Complicamos um pouco mais, quando pensamos na possibilidade da rejeição de algum ceticismo, mas não de todos. Afinal, há diferenças entre as versões elaboradas por Sexto Empírico, as elaboradas na modernidade e as contemporâneas neopirrônicas. Apesar de em muitos pontos se tocarem, se cruzarem, podemos afirmar que cada versão possui características próprias.

Esta caracterização específica em relação ao tipo de ceticismo é um ponto de falta de clareza. Marcondes (2015) indica isso a partir da discussão que Kripke faz das *Investigações*. Além disso, é a suposição que Smith (1993) levanta em relação à recusa do ceticismo no *Tractatus*, pois nele Wittgenstein parece rejeitar o ceticismo de matriz cartesiana e não todo e qualquer ceticismo.

De modo geral, são várias as versões que a atividade cética assumiu desde a antiguidade na história da filosofia. Desde Pirro temos distintas formas de

⁴ Smith (1993, p 154-155) aponta as incongruências expostas por Baker e Hacker de aproximar Wittgenstein do ceticismo Humeano tal como Kripke faz.

apresentações do ceticismo, seja na antiguidade, na modernidade ou na contemporaneidade. Apesar de entendermos, em linhas gerais, o ceticismo como “uma atividade filosófica de investigação que se caracteriza pela ideia de suspensão do juízo” (SMITH; BUENO, 2016), essa atividade pode ser compreendida de maneiras distintas. Por exemplo, na versão clássica, Pirrônica, a atividade segue algumas etapas: 1) perturbação; 2) investigação [*zétezis*]; 3) equipolência [*isosthéneia*]; 4) suspensão [*epokhé*] e 5) tranquilidade [*ataraxia*]. Na versão do ceticismo acadêmico, temos a negação da possibilidade do conhecimento. Na versão cartesiana, do ceticismo global, que é uma das versões mais conhecidas, temos a apresentação do ceticismo como uma etapa metodológica que serve para Descartes colocar abaixo o castelo do conhecimento e reerguê-lo a partir de outros critérios. Na versão de Hume, o ceticismo aparece em uma forma mitigada (PORTO, 2006, p. 20) e como um passo na argumentação do naturalismo. Por fim, temos as versões contemporâneas que encontramos em Robert Fogelin (1984) e Oswaldo Porchat (1991). Estes elaboram em momentos distintos, locais distintos, sem relação direta, versões atualizadas do ceticismo pirrônico, ou seja, versões neopirrônicas.

Apontado todos esses elementos, temos então que a discussão comporta questões bastante controversas e difíceis de serem resolvidas. Como poderíamos compreender, de modo geral, a proposta de Wittgenstein? Tendo um fim cético ou a partir da rejeição do ceticismo? Mas que fim cético? De que ceticismo? Ou a rejeição a que tipo de ceticismo? Algum em específico ou a todos? Deveríamos tomar como base o *Tractatus* ou as Investigações para realizar a aproximação? Há rejeição em uma obra e aproximação em outra? As questões são muitas. Obviamente, a resposta não é fácil. Algumas tentativas de responder as questões que tratam das aproximações e distanciamentos foram feitas. Dentre elas, traremos as principais, realizadas por Plínio J. Smith, em *Wittgenstein e o pirronismo sobre a natureza da filosofia* (1993) e Margutti, em *Sobre a natureza da filosofia: Wittgenstein e o Pirronismo* (1996).

2.2 Embate Smith e Margutti: Sobre a natureza da Filosofia de Wittgenstein

O trabalho desenvolvido por Plínio Smith, publicado em 1993, apresenta o panorama da discussão acerca da filosofia wittgensteiniana e a aproximação do ceticismo, principalmente o pirrônico⁵. Smith (1993) examina diversos elementos neste trabalho. Desde aspectos metodológicos da aproximação, como, por exemplo, a necessidade de abordar a aproximação pelos antigos, até a importância de realizar uma apreciação geral da filosofia de Wittgenstein. Assim, não realizando nenhuma abordagem por tópicos, apontando que estes são elementos necessários para que a aproximação seja fecunda. Smith justifica a importância de se recorrer aos filósofos antigos em função de se tratar de um ceticismo global⁶. Isso não inviabiliza uma aproximação com o ceticismo em sua versão clássica, pirrônica.

Smith (1993), aponta para semelhanças fortes entre a atividade cética e a atividade filosófica wittgensteiniana. Ele faz isso após realizar uma longa distinção entre uma filosofia tradicional e a atividade terapêutica wittgensteiniana. Dentre os diversos elementos apontados pelo autor, podemos citar aqui o caráter terapêutico e a ataraxia. O primeiro caracteriza-se por ser diverso⁷. O segundo é ou está presente tanto no pirronismo quanto na filosofia do pensador austríaco. Isso está exemplificado na sentença 309 das *Investigações* que mencionamos anteriormente.

Smith, longe de tomar uma posição dogmática, aponta para a possibilidade de se colocar objeções a tais aproximações. O próprio autor formula várias objeções. Do mesmo modo, Margutti formula uma objeção externa interessante.

Margutti (1996) realiza uma crítica severa e aprofundada da aproximação do segundo Wittgenstein e o pirronismo. O autor descreve a atividade cética e a atividade do segundo Wittgenstein das *Investigações* e aponta suas diferenças fundamentais. Como tínhamos apontado, a atividade pirrônica caracteriza-se principalmente por algumas etapas. Para Margutti, estas etapas não condizem com as etapas de investigação wittgensteiniana, processo que se caracterizariam a

⁵ Apesar de apresentar, por exemplo, a utilização de Wittgenstein para a recusa do ceticismo tal como faz Strawson e Grayling.

⁶ A obra *Sobre a Certeza* também é utilizada a partir do seu parágrafo §115 para apontar uma recusa do ceticismo. Mas, do mesmo modo, a rejeição parece apontar para uma recusa do ceticismo global, cartesiano. Ver: §115: “Quem tentasse duvidar de tudo, não iria tão longe como se duvidasse de qualquer coisa. O próprio jogo da dúvida pressupõe a certeza”.

⁷ *Investigações*, §133: “Não há um método da filosofia, mas sim métodos, como que diferentes terapias”.

partir de: inicialmente uma inquietação profunda; posteriormente o início da investigação; a partir do processo de investigação, uma dissolução do problema; chegando, por fim, ao retorno à tranquilidade primitiva (Margutti, 1996).

Reconhecidos sejam os méritos da análise de Margutti, por ser bem detalhada. Embora eu não acredite que ele tenha logrado êxito ao apontar para completas incompatibilidades entre Wittgenstein, tal como ele aponta. Do mesmo modo, ainda neste texto, de maneira bastante incisiva, Margutti além de apontar as distâncias entre Wittgenstein e os pirrônicos estende a distância para os neopirrônicos. Neste caso, trata-se de recente proposta elaborada por Porchat em 1991⁸. Segundo ele, o correto seria entender Wittgenstein não como um cético ou um aliado dos céticos, mas, como um inimigo, uma ameaça:

espero ter deixado claro que Wittgenstein não é um verdadeiro amigo dos pirrônicos e nem dos neopirrônicos. Talvez fosse sensato encará-lo não como um aliado em potencial, mas sim como um perigoso inimigo, capaz de produzir dissensões nas fileiras céticas através de convenções súbitas pela via do desenfeitamento linguístico. (Margutti, 1996)

O debate realizado por ambos é rico e instigante. Os pensadores brasileiros, de fato, realizaram um exame aprofundado e suscitaram questões que são importantes na filosofia de Wittgenstein. Entretanto, não o tomamos por completo. A partir da abertura deixada pelo debate, defendemos que um outro exame pode ser feito.

Em primeiro lugar, apontamos que o problema não é acerca da natureza de Wittgenstein. O problema central é entender a filosofia de Wittgenstein como sendo cética ou não. Para nós não parece ser essa a questão. Se for, gerará grandes dificuldades para defendê-la. Inclusive, se ser cético pressupõe assumir todas as premissas do que é ser um cético – qualquer que seja o ceticismo – ou ao menos compreender que na filosofia de Wittgenstein a atividade deve se encerrar na suspensão do juízo, então nos parece que Wittgenstein não é um cético. Talvez até incorremos em certo anacronismo. O fato é que a questão parece ser problemática e pouco resolvida.

Nesse sentido, propomos rever as análises realizadas e inserir outros elementos. Em contraste a proposta de Margutti de acordo com a qual Wittgenstein

⁸ O que também compreendemos como equivocado e que motiva este trabalho em termos da análise aqui pretendida.

é uma ameaça aos céticos, propomos pensá-lo também como um possível aliado do ceticismo. Mais especificamente, pensá-lo em relação ao ceticismo pirrônico e neopirronico. Em especial, a proposta elaborada por Oswaldo Porchat a partir do texto *Sobre o que Aparece* (1991). Além disso, analisamos o *Sobre a Certeza* e tiramos a centralidade do *Tractatus* e das Investigações.

2.3 Ampliando o debate: o *Sobre a Certeza*, de Wittgenstein e *Sobre o que aparece*, de Porchat

2.3.1 Sobre o que aparece

Após repensado o escopo da discussão, chegamos a pontos interessantes. Temos neste trabalho duas defesas. A primeira, surge como resultado do reposicionamento da análise, pois consideramos Wittgenstein como um possível aliado do ceticismo. A segunda defesa, surge em decorrência da primeira. Esta aponta para uma fecunda aproximação do *Sobre a Certeza* com o neopirronismo de Porchat com base em duas teses. No caráter não epistêmico das certezas fulcrais e do *phainómenon*⁹ e na compreensão das certezas fulcrais e do fenômeno como critérios de ação. Alguns outros elementos do *Sobre a Certeza* são instigantes ao pensá-los junto com o neopirronismo. Exporemos eles aqui também.

Em relação à primeira defesa, entendemos Wittgenstein como um aliado dos céticos. No entanto, fazemos isso a partir do entrelaçamento do *Sobre a Certeza* com a proposta de atualização do ceticismo pirrônico feita por Porchat. Esta tese, é claro, tem ressalvas.

No texto inaugural, publicado em 1991, temos a principal proposta de Porchat, aquela que ele considera a sua própria filosofia, o neopirronismo (Smith, 2017, p. 107). Apesar de ser um texto com ideias embrionárias e que, em alguns casos, serão melhor desenvolvidas e até mesmo revisadas em textos posteriores, este é o texto fundamental para entender a atualização do pirronismo proposta pelo pensador brasileiro.

Em termos da motivação do texto, parece que Porchat pretende uma atualização da atividade pirrônica para os tempos e a ciência contemporânea, pois

⁹ Utilizaremos o termo *fenômeno* identificando-o com o conceito de *phainómenon*. As distinções entre fenômeno para os pirrônicos e para os neopirrônicos aparecerão explícitas no texto.

ele considera que o pirronismo é adequado às necessidades intelectuais do seu tempo presente¹⁰. Ele assume diversas premissas do ceticismo pirrônico, mas atualiza a noção central de fenômeno. Este é considerado simplesmente como “aquilo que aparece” e que se associa com a vida comum [bíos]¹¹, ordinária.

O neopirronismo tem duas faces: uma destrutiva e uma construtiva. Ambas estão intimamente interligadas, são complementares e não existiriam uma sem a outra, segundo o próprio Porchat (Smith, 2017, p.107). De um lado, ele é uma crítica ao dogmatismo, e, de outro, ele propõe uma prática filosófica centrada na experiência do fenômeno. O ponto chave é que a perspectiva prática da parte construtiva decorre do próprio percurso de crítica ao dogmatismo que a primeira parte faz (Porchat *apud* Smith, 2017, pp.107-108).

A proposta de Porchat formula uma imagem oposta à imagem tradicional do. Nesta, o cético é considerado como alguém que não age no mundo. Em grande parte, esta imagem decorre a partir da imagem solipsista cartesiana. Daquele que duvidou de tudo e agora se encontra enclausurado em si mesmo. Como se o resultado de levar o ceticismo a sério fosse acabar preso dentro de si ou sem a possibilidade de agir, viver seu próprio ceticismo¹². Esta é a imagem do tipo de ceticismo que Wittgenstein rejeita no *Tractatus* ou no parágrafo 115 do *Sobre a Certeza*.

Porchat apresenta respostas às objeções que dizem respeito à impossibilidade de o cético viver uma vida segundo uma filosofia cética. Ele também aponta para a suposição de que o pirronismo é uma forma de mentalismo, subjetivismo ou representacionismo, admitindo que o pirronismo seja mesmo, dada a vinculação entre *phainómenon* e *phantasia* que é recorrente em Sexto Empírico, mas que, diferentemente do pirronismo, o neopirronismo encontra uma vinculação entre fenômeno e vida comum, como aponta Smith (2017, p. 136) que acerca da noção central de fenômeno elaborada no neopirronismo de Porchat: “O fenômeno deve ser entendido não como uma *phantasia*, embora uma representação seja produzida na mente pelo fenômeno, mas como os objetos e eventos que aparecem em sua experiência no mundo”.

¹⁰ cf. Porchat, 1991, p. 40-41.

¹¹ Em todos os casos em que eu utilizar especificamente “Vida comum” estarei fazendo referência à noção de *Bíos*.

¹² Tal como em alguma medida pretende Burnyeat com a interpretação rústica em que ao cético nenhuma crença é atribuída, seja filosófica ou da vida cotidiana, nesse sentido, crenças comuns.

É no desenvolvimento dessa discussão que encontramos a caracterização importante do fenômeno. Esta é feita sob a ótica, ou mais próxima, de uma representação ou a partir de uma noção que a vincula à vida comum e à experiência do mundo. Assim, a visão de um cético que age no mundo é possível a partir da noção de fenômeno, uma vez que este é aquilo que aparece. Vale ressaltar ainda que há uma distinção importante entre aquilo que aparece e o que se diz sobre o que aparece (Porchat, 1991). Aqui, o que nos importa é que o fenômeno, o que aparece para o cético, é aquilo que o guia no mundo. Sua conduta prática tem por base tal elemento (Smith, 2017, p. 109). Inclusive, porque o “cético neopirrônico, como o pirrônico antigo, distingue entre critério de verdade e o critério de ação”. Nesse ponto, ele difere do dogmático que toma um pelo outro e quando vê suspenso um critério de verdade compreende estar suspenso também um critério de ação (idem, p. 135). A perspectiva cética neopirrônica afeta a pretensão de produzir teorias, teses ou doutrinas filosóficas, mas não afeta necessariamente a experiência cotidiana.

Outro aspecto importante que precisamos ressaltar é que o fenômeno, como aponta Porchat, não possui qualquer atribuição ontológica ou epistemológica (Porchat, 1991, p. 20). Se o cético, que suspendeu o juízo, age no mundo é a partir do fenômeno. E, nesse sentido, o que aparece é diferente daquilo que se diz sobre o que aparece. Se, em algum momento, o cético suspendeu o juízo sobre algum elemento que é crucial para si, o resultado não precisa ser uma paralisia dada pelo processo de investigação. Pelo contrário, a conduta proposta é, em alguma medida, a de uma investigação que pode ser interrompida, suspensa, mas que não inviabiliza a vida do cético dentro desse âmbito da vida comum.

A postura cética filosófica em Porchat é um elemento atualizado em relação aos céuticos antigos. No neopirronismo ela não será apenas um exame crítico acerca dos dogmatismos, “Ela se constituirá como uma proposta cética de como entender e como conhecer o mundo da vida comum” (Smith, 2017, p. 111). Sendo assim, se propondo a construir uma visão cética do mundo e sendo possível opinar acerca de questões filosóficas, desde que digam respeito ao fenômeno.

Temos então uma visão robusta do processo de investigação e construção da imagem de mundo do cético. Do mesmo modo, acerca do processo de investigação, que pode não ser dado por encerrado, podendo ser retomado sem que prejuízos possam ser encontrados em relação à vida cotidiana do cético.

A partir daqui conhecemos razoavelmente bem o que precisamos para estabelecer uma correlação futura. Entretanto, precisamos compreender qual o contexto da obra de Wittgenstein que está no centro da análise aqui.

2.3.2 Sobre a certeza

Compreendemos o *Sobre a Certeza* como um livro escrito dentro de um contexto de grande entusiasmo de Wittgenstein em relação a alguns escritos de G.E Moore. Este é o caso de *A defense common sense (1925)* e *Proof of the external world (1939)*. Em relação ao primeiro, Wittgenstein reage de modo cético acerca de diversos equívocos e ao dogmatismo.

Já a partir daqui podemos apontar algum indício da aliança¹³ entre Wittgenstein e os cétricos, dado que sua oposição é ao dogmatismo. Mais especificamente, ao uso dogmático que Moore faz do operador epistêmico “eu sei que”. Porém, precisamos prestar atenção ao início do livro, pois Wittgenstein exortar Moore e o cético, ou seja:

Pelo facto de me parecer a mim - ou a toda gente - que uma coisa é assim, não se segue que ela o seja. O que podemos perguntar é se faz sentido duvidar dela. (1990, §2, p. 15)

Exemplificando o caso em que Moore diz “saber, com certeza”, Wittgenstein coloca em cheque tal saber como um mero parecer. Entretanto, Wittgenstein também não dá razão a algum tipo de cético que pretenda colocar em dúvida os elementos que Moore diz saber com certeza. De certa forma, em um jogo duplo, Wittgenstein chama a atenção tanto de Moore quanto do cético – aqui compreendido como o cético cartesiano.

Neste cenário Wittgenstein aponta contra exemplos e não é encapsulado por alguma tradição filosófica. Com base nele, sustentamos que Wittgenstein pode ser lido como um aliado do cético neopirrônico. Talvez, como tendo formulações semelhantes, combaterem os mesmos inimigos, tendo pressupostos comuns e agindo a partir de um critério que se assemelha.

¹³ Uma aliança que julgarei mais à frente como crítica. Tomando, inclusive, como válidas as críticas elaboradas pelo Prof. Otávio Bueno (University of Miami) e tal como ele compreendendo Wittgenstein no *Sobre a Certeza* como alguém que está fazendo algo que é inteiramente seu.

No texto de 1925, Moore estabelece uma extensa lista com proposições que, segundo ele, parecem truísmos tão óbvios que nem seriam necessários de serem enunciados, tais como, “Eu estou aqui; eu tenho um corpo; a terra já existia muito antes de eu nascer; eu sou um ser humano; há muitos outros humanos; aqui está uma mão” (Moore, 1980, p.81).

Em relação às proposições Moore diz saber, com certeza, que elas são verdadeiras (Moore, 1980, p.81). Para ele, discordar disso implica em uma incompreensão daquilo que foi exposto. Então, se você discorda, aparentemente, não entendeu:

Suponho que qualquer um que assuma uma perspectiva contrária deve estar confundindo a questão de se entendemos seu significado (o que todos nós certamente fazemos) com a questão inteiramente diferente de se sabemos o que ela significa, no sentido de que somos capazes de apresentar uma análise correta de seu significado (Moore, 1980, p.85)

Diante dos termos postos por Moore, a dúvida ou a discordância é inviabilizada. Aqui há uma confusão entre conhecimento e certeza. De acordo com Moyal-Sharrock (2015), grande parte do *Sobre a Certeza* é dedicado a expor a distinção entre certeza e conhecimento. Isso se coaduna com o que Wittgenstein diz no parágrafo 308 do livro, ou seja, “Saber e certeza pertencem a diferentes categorias” (1990, p. 89).

Segundo Sharrock, aqui o conhecimento é compreendido na esteira da tradição platônica. Tal como é posto no *Teeteto*, como uma crença verdadeira e justificada. Uma certeza, entretanto, não tem necessariamente a mesma formulação. Dessa maneira, como posto por Moyal-Sharrock:

Dizer que nossas certezas básicas sustentam o conhecimento não significa dizer que o conhecimento é tudo o que elas sustentam (Moyal-Sharrock, 2015)

Ou seja, nossas certezas mais básicas, que podemos chamar de certezas fulcrais¹⁴, podem sustentar tanto as crenças verdadeiras justificadas, que seriam compreendidas como conhecimento, quanto as crenças não justificadas.

Por que isso é importante neste contexto? A importância reside no fato de que uma determinada compreensão do que sejam as certezas fulcrais e quais são

¹⁴ Ou dobradiças [*hinges*] seguindo a proposição da metáfora da dobradiça. Ou eixos seguindo a metáfora do eixo. Podendo também, se filiando a interpretações chamá-las de proposições dobradiças, com a *hinge epistemology*, ou proposições eixo, junto a epistemologia dos eixos.

suas características nos permitir realizar nossa segunda defesa. Aproximar Wittgenstein e os neopirrônicos a partir das certezas fulcrais e do fenômeno. O principal fio condutor dessa aproximação é a caracterização que a Moyal-Sharrock (2015) faz das certezas fulcrais como não epistêmicas e nossa compreensão das certezas fulcrais como critérios de ação.

Para entender as certezas fulcrais podemos recorrer a duas imagens que Wittgenstein elabora delas. Elas estão entre os parágrafos 152 e 341 do *Sobre a Certeza*. Tal caracterização fornece o nome de certezas eixo ou dobradiças:

Não aprendo explicitamente as proposições que são ponto assente para mim. Descubro-as subseqüentemente como o eixo em torno do qual roda um corpo. Este eixo não está fixo no sentido de haver alguma coisa a segurá-lo, mas o movimento em torno dele determina a sua imobilidade. (Wittgenstein, 1990, §152, p. 55)

Isto é, as perguntas que formulamos e as nossas dúvidas dependem do fato de certas proposições estarem isentas de dúvida serem como que dobradiças em volta das quais as dúvidas giram. (Wittgenstein, 1990, §341, p. 99)

A partir da caracterização dada, as certezas fulcrais funcionam como um elemento fixo para que algo se movimente seja na imagem do eixo, seja na da dobradiça,. Assim, elas são o ponto fixo para que o movimento da dúvida possa existir, para que se possa jogar o jogo da dúvida. Segundo a caracterização do próprio Wittgenstein, as certezas fulcrais estão como que “situadas além de ser justificado ou injustificado; portanto, como que uma coisa animal” (1990, §359, p. 105). A partir dessa caracterização e de várias outras ao longo do texto, Moyal-Sharrock (2015) elabora uma série de características que são próprias das certezas fulcrais. Tais como: não epistêmicas, indubitáveis, não proposicionais, exibidas na ação, dentre outras.

Deste modo, segundo a intérprete, é próprio das certezas fulcrais serem desprovidas de caráter epistêmico. Elas mesmas não se fundamentam enquanto conhecimento. Sequer podem ser formuladas proposicionalmente, em termos de sua verdade ou falsidade. Além de não poderem ser postas em dúvida, apresentando-se somente quando agimos.

Sendo assim, dados os elementos tanto da breve caracterização do neopirronismo e da noção de fenômeno, quanto das certezas fulcrais, temos uma possibilidade inicial de aproximação com a proposta de Porchat.

2.4 Aliança entre Wittgenstein e o neopirronismo

Propomos aqui que a discussão acerca do estatuto epistemológico das certezas fulcrais seja central para que uma relação mais forte possa ser estabelecida entre Wittgenstein e o ceticismo neopirrônico. Se apoiados em Moyal-Sharrock estivermos certos, há semelhanças interessantes, pois como Porchat pontua “não há atribuição ao fenômeno, a aquilo que aparece, de nenhum estatuto quer seja ontológico quer seja epistemológico” (1991, p.20). Assim, desprovidos ambos de qualquer necessidade de serem estabelecidos enquanto conhecimento ou serem tomados como possivelmente verdadeiro ou falso, poderíamos pensar que os pressupostos apontados tanto por Wittgenstein quanto por Porchat são semelhantes.

O segundo elemento de aproximação diz respeito aos critérios de ação dados pelas certezas fulcrais e pelo fenômeno. Aqui, precisamos observar que o fenômeno é o que dá base para a ação do cético no mundo. Anteriormente, já pontuamos que o cético neopirrônico distingue entre critério de verdade e critério de ação. Porchat trata do critério de ação e a sua conexão com o fenômeno. Ele considera o fenômeno como um pressuposto do cético neopirrônico. Isso fica claro em uma passagem na qual Porchat cita Sexto Empírico¹⁵:

Compelidos a reconhecer o fenômeno e a eles confinados, é por ele, obviamente que orientamos nossa conduta prática no dia-a-dia, tomando-o como critério de ação (Sexto Empírico apud Porchat, 1991)

Acerca do ceticismo neopirrônico parece não existir grandes complicações quanto ao critério de ação. Entretanto, podemos compreender as certezas fulcrais da mesma forma? Do nosso ponto de vista, sim. Dadas a postura antidogmática de Wittgenstein as caracterizações da Sharrock, compreendemos que ele também distingue entre critério de verdade e critério de ação, tal como faz o cético neopirrônico. No *Sobre a Certeza* parece ser um elemento central a ideia de que quando agimos, agimos com certeza. Neste contexto, não duvidamos ou realizamos procedimentos de verificação sempre que realizamos uma ação:

¹⁵ E que é ratificado também em *Uma visão cética do mundo: Porchat e a Filosofia (2017)*, de Plínio Smith.

Porque é que não verifico se tenho dois pés quando quero levantar-me da cadeira? Não há porquê. Não o faço, simplesmente. É assim que ajo. (Wittgenstein, 1990, §148, p. 55)

Também podemos também tomar como base o parágrafo 346 do *Sobre a Certeza*. Nele, Wittgenstein simula um cenário de um jogo de xadrez e aponta a inviabilidade da dúvida acerca de uma certeza crucial:

Quando jogo xadrez procuro dar mate a alguém, não posso ter dúvidas sobre se as peças poderão mudar de posição por motu-próprio e se a minha memória me prega partidas e não me apercebo delas (Wittgenstein, 1990, § 346, p. 99)

Esse exemplo do xadrez permite mostrarmos que duvidar durante uma determinada prática gera dificuldades. De acordo com o exemplo, a possibilidade de duvidar do movimento das peças por si próprias ou por um suposto problema que psicologicamente pode fazê-lo perceber o tabuleiro de uma maneira diferente da que está é algo que não deve acontecer. O comportamento de dúvida neste contexto deve ser evitado.

Em certo sentido, duvidar de algo necessário para a ação em momentos em que a ação é necessária, é algo que pode inviabilizar a prática. Por isso, as certezas fulcrais que estão na base dos jogos de dúvidas e que não podem ser colocadas em dúvida, também podem ser entendidas como o critério que dá base para a ação. Poderíamos pensar exemplos práticos dentro de um cenário mais radical. Por exemplo, se eu duvidar que tenho pernas todas as vezes em que eu for levantar, eu não levantarei; se eu duvidar que tenho boca todas as vezes em que eu for comer, eu não comerei. Por fim, a ação do sujeito (e sua vida) pode ser inviabilizada pela dúvida. O que lhes possibilita a ação é o que fica fora do jogo de dúvida. Sendo assim, o que possibilita a ação na vida comum do sujeito é a certeza fulcral.

Assim, parece-nos que tanto o cético neopirrônico quanto o agente que segue a concepção wittgensteiniana do *Sobre a Certeza* são guiados por critérios de ação semelhantes. O que permite a ação no *Sobre a Certeza* é a certeza fulcral. No caso do cético, sua conduta também tem uma base que o guia no mundo. Neste caso, a base é o que aparece.

Em alguma medida, apontamos para o elemento que, dentro do debate cético, está de acordo com uma postura que compreende a impossibilidade de o cético viver seu ceticismo. Nos opomos a ela, tal como Porchat e compreendemos que Wittgenstein também. É possível agir no mundo, realizar movimentos em sua

vida cotidiana, estruturar uma visão cética do mundo ou imagem de mundo e fazer filosofia distante de uma postura dogmática.

Não faz parte das nossas pretensões estabelecer uma completa correlação entre o fenômeno e as certezas fulcrais, buscamos aqui apenas aproximá-las a partir de dois elementos. Julgamos que tais elementos são importantes e razoavelmente fundamentados para a aproximação. Se estamos tentando estabelecer uma aliança entre Wittgenstein e os céticos, é necessário que fique claro que tal aliança deve ser compreendida como crítica. Apesar das aproximações com o cético que conseguimos traçar, Wittgenstein não é um aliado acrítico. Sendo assim, como admitimos uma aliança entre Wittgenstein e os céticos, precisamos apontar que a aliança indica uma proximidade crítica. O cético é um aliado em um ambiente no qual o dogmático afirma coisas de maneira irrestrita e viola limites. Porém, quando o cético duvida dogmaticamente, ele também precisa ser contido. Assim, o cético é aquele que demanda razões, não como quem as viola. Consideramos, portanto, que no *Sobre a Certeza* também há uma crítica ao cético. Nós não estendemos esta crítica ao neopirrônico, mas que futuras análises poderão reconhecê-la.

As possibilidades de análise, entretanto, não se encerram aqui. Talvez possamos apontar que as restrições que Wittgenstein faz aos usos de “Eu sei” no parágrafo 260 apontam para o caso em que os céticos neopirrônicos afirmam coisas na vida cotidiana. Nesse sentido, quando ele diz “Eu reservaria a expressão ‘Eu sei’ para os casos em que é utilizada no intercâmbio linguístico normal” (1990, §260, p. 79), seu interlocutor é o neopirrônico. E, do mesmo modo, como estariam restritos ao afirmar sobre a partir do que lhes aparece. Sem que a utilização tivesse como fim uma argumentação teórico-filosófica, como pretende Wittgenstein alertar Moore.

Do mesmo modo, quando o cético forma uma visão cética do mundo, ele presta atenção nas observações de Wittgenstein sobre a experiência filosófica somente formular perguntas onde respostas possam existir. Assim, não se age de modo dogmático ou se envolve com questões metafísicas.

Ainda buscando a partir de outras possíveis similaridades, mesmo que superficialmente nesses termos, seguindo em uma posição contrária à Sharrock e adotando uma leitura cética neopirrônica do *Sobre a Certeza*, também estabeleceria a possibilidade de explicitar, falar sobre as certezas fulcrais. Mas tal expressão deveria ser reservada unicamente à nossa linguagem corrente, sem a pretensão de

falar da verdade ou natureza última delas, somente enquanto algo que nos aparece, semelhante a como foi proposto por Porchat e coerente com o que Wittgenstein afirma em termos de reservar a expressão "eu sei", utilizada por Moore, ao intercâmbio linguístico cotidiano – como já apontado, sem a pretensão de que ela seja utilizada como fundamentação filosófica. Assim, inclusive, fica restrita a possibilidade de, ao tentar fundamentar a crença de que tenho duas pernas, alguém diga: "Eu sei que tenho duas pernas". Esta perspectiva nos parece um caminho alternativo para o debate iniciado por Smith e Margutti, pois é muito mais interessante pensar as possibilidades quando elas são colocadas dentro desse espectro. Assim, Wittgenstein surge como um aliado dos céticos neopirrônicos. Nesse sentido, tivéssemos que nos posicionar sobre a querela entre Margutti e Smith, tomaríamos uma posição contrária a Margutti, pois consideramos Wittgenstein um aliado crítico do cético.

Certamente há muito ainda a ser investigado. Este é um trabalho embrionário que não pretende responder nada em definitivo. Entretanto, a partir dele, já é presente para nós que os elementos característicos das certezas fulcrais, tal como seu caráter não epistêmico e a sua compreensão como um critério de ação, possuem semelhanças fecundas como a noção de fenômeno atualizada pelos céticos.

Podemos pensar que a proposta neopirrônica contém elementos que divergem do pensamento de Wittgenstein. Por exemplo, o privilégio que a empiria assume no pirronismo e em Porchat gera uma tensão. Isto representa uma dificuldade de aproximação com Wittgenstein do *Sobre a Certeza*. Se pensarmos que a perspectiva adotada pelo filósofo austríaco também vê com olhos bastante críticos a empiria, então privilegiar a empiria é um elemento de tensão. Além disso, podemos pensar que a formação das certezas fulcrais não decorre exclusivamente da experiência. É possível que certeza fulcrais aconteçam a partir do relato pessoal de um informador confiável. Isso aparece no parágrafo 143 do *Sobre a Certeza*. Neste caso, o domínio não é exclusivo da experiência. Aqui, a empiria não possui privilégios.

3 CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Diante do exposto, algumas consequências podem ser elaboradas envolvendo o ensino de Filosofia. Com Wittgenstein e os cétricos pirrônicos e neopirrônicos temos uma profunda aproximação da filosofia com o cotidiano, com a vida comum.

A partir das relações estabelecidas temos a possibilidade de pensar uma experiência com a Filosofia no Ensino Médio que extingue uma fuga do contexto ou cotidiano dos estudantes. Em Wittgenstein, a partir do senso comum que Moore defende, surgem as questões que são filosoficamente importantes. Assim como também surgem os limites desta atividade. Do mesmo modo ocorre com os cétricos.

A atividade filosófica, com Wittgenstein, parece ser possível em um contexto em que se reconhece as pretensões da filosofia, bem como onde não se confundem os processos de justificação filosófica com os processos de intercâmbio linguístico cotidiano (Wittgenstein, 1990, §260).

O senso comum e o cotidiano, portanto, fornecem o solo a partir de onde a atividade filosófica pode acontecer. Entretanto, o solo onde se mantém fixas as certezas não pode ser ele mesmo posto em questão. Excetuando-se os casos em que, com o tempo, certezas que estão no solo tornam-se fluidas e outras se enrijecem formando o mesmo solo (Wittgenstein, 1990, §96).

Com os cétricos neopirrônicos, do mesmo modo, há um caminho e um espaço para a experiência filosófica que depende da “visão comum” do cético. Esta é formada a partir das coisas que aparecem. Se uma experiência filosófica é possível para os neopirrônicos, ela depende dos fenômenos que aparecem ao cético.

Resumindo, o discurso cético não se aventura a ir além do fenômeno, não busca nada que seja transcendente, ele surge como um discurso do mundo (Porchat *apud* Smith, 2017, p. 141). Segundo Porchat, do “nosso mundo”. Um mundo partilhado, onde um sentido comum existe a partir das coisas que aparecem. Sem a necessidade de pressupor a existência de nenhum outro. Assim, uma experiência que parece ser possível no senso comum.

Também é possível observar que as atividades wittgensteiniana e cética são antidogmáticas. O discurso cético é um discurso que “exprime ou expressa o fenômeno” (Smith, 2017, p. 141). Sem a pretensão de dizer algo do fenômeno e fundamentá-lo de forma última.

É perceptível, portanto, que ambas as posturas são exercícios filosóficos que não se distanciam do senso comum ou da vida comum, mas partem dela em suas indagações. Com isso, podemos preservar uma postura crítica, cética, mas que possui limites para o ensino de Filosofia. Realizando-se a atividades filosóficas somente onde faz sentido ter dúvida delas. Uma das principais consequências disso é a postura que evita paralisia e desinteresse por parte dos estudantes. A imagem fornecida pelo experimento cartesiano, de um cético que vai até às últimas consequências e termina paralisado é substituída. O exercício cético e crítico, por parte dos estudantes, pode ser realizado com sucesso a partir do ambiente compartilhado que é garantido pelas certezas fulcrais, de Wittgenstein, e pelos fenômenos, dos céticos.

Por fim, este é um ensino de filosofia que envolve o cotidiano, que parte do senso comum, que integra a vida comum. Isso garante e reconhece limites do fazer filosófico para o mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 29 jul. 2023.

GALLO, Silvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. **ETHICA**. Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.17-35, 2006. Disponível em: <https://lasalvia.prof.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2016/09/gallo-filosofia-e-seu-ensino-conceito-e-transversalidade.pdf>. Acesso em 21 set. 2023.

MARCONDES, Danilo. Introdução. In: SMITH, Plínio Junqueira (org.). **O neopirronismo de Oswaldo Porchat: interpretações e debates**. 1 ed., São Paulo: Alameda, 2015.

MARGUTTI, Paulo R. Sobre a natureza da filosofia: Wittgenstein e o Pirronismo. **Kriterion**, v.35, n. 93, p. 164-183, 1996.

MOORE, George Edward. **Uma defesa do senso comum**. Os pensadores. Escritos Filosóficos, p. 81-102, 1980.

MOYAL-SHARROCK, Danièle. A Certeza Fulcral de Wittgenstein. Tradução: Janyne Sattler. **Dissertatio: Revista de Filosofia**, 2015.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco - Ensino Médio**. Pernambuco: SEE, 2020. Disponível em https://www.gov.br/mec/pt-br/novo-ensino-medio/pdfs/copy_of_RCSEEPE.pdf Acesso em: 29 de jul. 2023.

PORCHAT, Oswaldo. Porchat. Sobre o que aparece. **Revista Latinoamericana de Filosofia**, v. 17, n. 2, p.195-229, 1991.

PORCHAT, Oswaldo. **Rumo ao ceticismo**. Editora UNESP, 2007.

PORTO, Leonardo Sartori. **Hume**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2006.

SMITH, Plínio J. Wittgenstein e o pirronismo sobre a natureza da filosofia. **Analytica**, v. 1, n. 1, p. 153-186, 1993.

SMITH, Plínio J.; BUENO, Otávio. O ceticismo na américa latina. **SKÉPSIS**, ANO IX, No. 13, p. 126-170. Traduzido por Nicole Marcelo, 2016. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/skepticism-latin-america/>. Acesso em: 20/09/2022.

SMITH, Plínio Junqueira. **Uma visão cética do mundo: Porchat e a filosofia**. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

STERN, David G. **As investigações filosóficas de Wittgenstein: uma introdução**. Tradução de Marcelo Carvalho e Fernando L. Aquino. São Paulo:

Annablume, 2012. [Original: Wittgenstein's Philosophical Investigations: an introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.]

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da Certeza/Über Gewissheit**. Tradução de Maria Elisa Costa. Edição bilíngue. Lisboa: Edições 70, 1990.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. Os Pensadores. Nova Cultural, 1996.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo. SP: Edusp, 2017.